



FARO  
EDITORIAL



L. FRANK BAUM

o Mágico de  
**OZ**

L. Frank Baum

o Mágico de  
OZ

TRADUÇÃO:  
INÊS ANTONIA LOHBAUER

**COPYRIGHT DA TRADUÇÃO © INÊS ANTONIA LOHBAUER**  
**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **DANIELA TOLEDO**

Revisão **LUCIANE GOMIDE E BARBARA PARENTE**

Capa **VANESSA S. MARINE**

Ilustrações **FERNANDO MENA**

Diagramação **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Baum, L. Frank (Lyman Frank), 1856-1919

O mágico de Oz / L. Frank Baum ; tradução de Inês Antonia Lohbauer. — São Paulo — Barueri, SP : Faro Editorial, 2022.

144 p. : il., color.

ISBN 978-65-5957-111-6

Título original: The Wonderful Wizard of Oz

I. Literatura infantojuvenil norte-americana I. Título II. Lohbauer, Inês Antonia

21-5720

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil norte-americana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



## O ciclone

**D**orothy morava no meio das grandes pradarias do Kansas com o tio Henry, um fazendeiro, e a tia Ema, a esposa do fazendeiro. A casa deles era pequena, pois a madeira para construí-la teve de ser transportada por trem ao longo de muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um piso e um telhado, que constituíam um único cômodo; Nele, havia um forno enferrujado, um guarda-louças, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Ema tinham uma cama grande em um canto, e Dorothy, uma cama pequena em outro. Não havia nenhum sótão, nem porão — exceto um pequeno buraco no chão, chamado de porão do ciclone, onde a família podia se abrigar caso um daqueles tornados surgisse, tão poderosos que destruíam qualquer construção em seu caminho. O acesso ao porão era feito por um alçapão no meio do piso, do qual descia uma escada até um buraco pequeno e escuro.

A casa fora pintada um dia, mas o sol descoloriu a pintura e as chuvas a lavaram, deixando-a tão desbotada e cinzenta quanto todo o resto da região.

Quando a tia Ema foi morar ali, era uma jovem e bela esposa. O sol e o vento também conseguiram transformá-la. Retiraram o brilho de seus

olhos, deixando-os de uma cor cinzenta, pálida; retiraram o vermelho de sua face e seus lábios, que também ficaram cinzentos. Ela era esbelta, magra e já não sorria. Quando Dorothy, que era órfã, veio até ela pela primeira vez, a tia Ema ficou tão espantada com o riso daquela criança que gritava e apertava a mão no peito sempre que a alegre voz de Dorothy chegava aos seus ouvidos. Mesmo agora continuou olhando para a menininha com espanto, pois ela sempre conseguia encontrar alguma coisa que a fizesse rir.

O tio Henry nunca dava risada. Trabalhava duro de manhã até a noite e não sabia o que era alegria. Ele também era cinzento, desde sua longa barba até suas botas grosseiras; toda a sua aparência era severa e austera, e quase não falava.

Era o Totó que fazia Dorothy dar risada e evitava que ela ficasse tão cinzenta quanto todo o ambiente ao redor. Totó não era cinzento; era um cachorrinho preto, com um longo pelo sedoso e pequenos olhos escuros, que piscavam alegres em cada lado do seu focinho pequenino e engraçado. Totó brincava o dia inteiro, e Dorothy brincava com ele, pois o amava muito.

No entanto, hoje eles não brincaram. Tio Henry ficou sentado na soleira da porta, olhando, ansioso, para o céu, que estava mais cinzento do que o normal. Dorothy ficou de pé junto à porta, com Totó nos braços, também olhando para o céu. A tia Ema estava lavando a louça.

Ouviram o uivo de um vento que vinha de longe, do norte, e o tio Henry e Dorothy podiam ver o capim alto inclinando-se em grandes ondas, antes da chegada da tempestade. Então escutaram um assobio agudo no ar, vindo do sul, e, quando dirigiram o olhar para aquele lado, viram ondulações no capim que também vinham daquela direção.

De repente, o tio Henry se levantou.

— Há um ciclone se aproximando, Ema — disse ele à esposa. — Vou ver como está o rebanho.

Então correu em direção ao galpão onde eram mantidos os cavalos e as vacas. A tia Ema largou seu trabalho e foi até a porta. Uma espiada só e ela já percebeu o perigo iminente.

— Rápido, Dorothy! — gritou ela. — Corra para o porão!

Totó pulou dos braços de Dorothy e escondeu-se embaixo da cama, e a menina tentou pegá-lo de volta. A tia Ema, apavorada demais, escancarou o alçapão no piso e desceu pela escada até o pequeno buraco escuro. Dorothy, que enfim conseguiu capturar o cãozinho, começou a seguir a tia. Quando chegou no meio do caminho, ouviu um estridente assobio do vento, e a casa começou a tremular com tanta força que ela perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

Então aconteceu uma coisa muito estranha.

A casa girou duas ou três vezes e ergueu-se lentamente no ar. Dorothy sentiu-se como se estivesse subindo num balão.

Os ventos do norte e do sul encontraram-se bem no ponto em que se situava a casa, tornando-a o centro exato do ciclone. No meio de um ciclone, geralmente o ar fica parado, mas a grande pressão do vento em cada um dos lados da casa a ergueu cada vez mais e mais, até que ela chegasse ao topo do ciclone. Ali permaneceu, depois foi levada por quilômetros e quilômetros, tão facilmente quanto se leva uma pena.

Estava muito escuro e o uivo do vento à sua volta era horrível, mas Dorothy sentiu que estava controlando aquela montaria facilmente. Depois das primeiras poucas voltas, e de outra vez que a casa se inclinou demais, ela se sentiu como se estivesse sendo embalada com delicadeza, como um bebê num berço.

Totó não gostou nada daquilo. Correu pela sala de um lado ao outro, latindo alto; mas Dorothy ficou sentada no chão, esperando para ver o que aconteceria.

De repente, Totó chegou muito perto do alçapão aberto e caiu no buraco. A princípio, a menininha pensou tê-lo perdido. Mas logo viu uma das orelhas aparecendo através do buraco, pois a forte pressão do ar mantinha o cãozinho para cima, evitando que caísse. Ela se esgueirou



até o buraco, pegou Totó pela orelha e puxou-o de volta para a sala, fechando depressa o alçapão para que não acontecessem mais acidentes.



Passaram-se horas e mais horas, e lentamente Dorothy foi conseguindo controlar o medo. Porém, sentiu-se sozinha, e o vento uivava com tanta força à sua volta que ela quase ficou surda. A princípio, pensou que seria despedaçada se a casa caísse de novo, mas, à medida que as horas passavam e nada de terrível acontecia, ela parou de se preocupar e resolveu se acalmar e esperar para ver o que o futuro lhe traria. Por fim, ela se arrastou pelo piso oscilante até a cama e deitou-se nela; Totó seguiu-a e deitou-se ao seu lado.

Apesar do balanço da casa e do gemido do vento, Dorothy logo fechou os olhos e adormeceu.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR**



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM JANEIRO DE 2022